

Artigo recebido em
14/09/2014
Aprovado em
27/10/2014

VALQUIRIA MICHELA
JOHN

Universidade do Vale
do Itajaí – Univali –
vmichela@gmail.com
Doutora em Comunicação
e Informação (PPGCOM/
UFGRS). Professora do
curso de Jornalismo da
Univali, pesquisadora do
grupo Monitor de Mídia.

Jornalismo esportivo e equidade de gênero: a ausência das mulheres como fonte de notícias na cobertura dos jogos olímpicos de Londres 2012¹

Valquiria Michela John

Resumo

O jornalismo esportivo tem sido uma área em que a conquista da equidade de gênero ainda está distante de ser alcançada. Há poucas mulheres nas redações esportivas e há poucas mulheres protagonistas do noticiário esportivo, principalmente na mídia impressa, berço histórico dessa área do jornalismo. A imprensa nacional, representada por veículos especializados como o jornal *O Lance!* ou por jornais de circulação nacional, como *Folha de S. Paulo*, não parece fugir a este modelo. Assim surgiu a preocupação em verificar qual o espaço destinado à mulher nesses veículos. Foi utilizado como método de coleta e análise dos dados a análise de conteúdo para, deste modo, identificar como a questão de gênero é tratada no jornalismo esportivo nacional, tendo como foco a cobertura realizada pelos referidos jornais durante os jogos olímpicos de Londres. Foram analisadas todas as edições dos dois jornais referentes ao intervalo de realização dos jogos olímpicos que compreendeu o período de 27 de julho a 12 de agosto de 2012. Os resultados apontam para a confirmação do pressuposto da pesquisa e em sintonia com os outros estudos realizados, evidenciam uma cobertura jornalística que além de ouvir poucas fontes, praticamente ignora as mulheres, mesmo na cobertura de um evento em que elas estão massivamente representadas.

Palavras-chave

Gênero; Mulheres; Jornalismo esportivo; Olimpíadas

Abstract

Sport journalism has been a field where the conquest of gender equality is still far away from being achieved. There are few women in the newsrooms and few women as protagonist of sport news, mainly in the printed media, where this kind of journalism was born. The national press, represented by specialized media, such as the newspaper *O Lance!*, or widely circulated newspapers, such as *Folha de S. Paulo*, seem to escape from this model. And with that, the concern to verify the space given to women in these newspapers arouse. We use the analysis of content to identify how gender issues were addressed in the national sport news during the coverage of the 2012 London Olympics Games. All the editions during the event, between July 27 and August 12, were analyzed. The results points to the confirmation of the presupposition of the research and also according to other previous studies, putting in evidence that the journalistic coverage uses few woman as news source and ignores them, even during the covering of an event where they are massively represented.

Keywords

Gender; Womans; Sport journalism; Olympics games.

1- Pesquisa desenvolvida com financiamento do artigo 170 da Constituição Estadual de Santa Catarina. Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada no 10º. Seminário Internacional Fazendo Gênero, em 2013. A pesquisa contou com a colaboração das bacharéis em Comunicação Social – Jornalismo Pricilla Tiane Vargas e Stefânia Enderle.

O jornalismo esportivo é uma das áreas que mais conquista leitores, principalmente porque é o espaço onde se narra uma das principais marcas da identidade nacional – o futebol. Apesar de ser considerado paixão nacional, há um discurso latente no imaginário popular, nas representações sociais em todo o país, de que a mulher não entende de futebol, portanto não está qualificada para narrá-lo, comentá-lo ou praticá-lo. Em outros esportes, a presença feminina é um pouco mais efetiva, ainda assim, predomina uma cobertura majoritariamente masculina no mundo dos esportes.

Os meios de comunicação, em particular a mídia impressa que tem uma relação tão estreita com o esporte, contribuem ou não para o reforço desse estereótipo? Por que há tão poucas mulheres ainda na prática do jornalismo esportivo impresso e porque tão raramente ela protagoniza o noticiário esportivo de um modo geral? Ao trabalharem com o discurso, com a narração sobre a vida diária, os meios de comunicação atuam como espaços de disputa de poder, verdadeira “arena” do poder simbólico e das lutas de grupos sociais. Se a mulher está efetivamente ausente do jornalismo esportivo, a luta torna-se desigual e a possibilidade de se alcançar a equidade de gênero muito mais problemática.

O maior evento esportivo do mundo, os jogos olímpicos, constitui um momento importante para verificar se a invisibilidade da mulher na cobertura esportiva efetivamente apresenta-se como uma problemática. Nas olimpíadas, o futebol é apenas mais um dos esportes, há uma diversidade enorme de modalidades e práticas que

congregam o público feminino, algumas das quais tendo o nosso país como referência, como um dos favoritos, caso do vôlei feminino de quadra e areia e de modalidades do atletismo como salto com vara e salto em distância, entre outros.

Esta pesquisa teve como proposta analisar, justamente, a cobertura desse evento, os jogos olímpicos de Londres, realizados no período de 27 de julho a 12 de agosto de 2012. A intenção foi a de verificar como a mídia impressa nacional trabalha a cobertura a partir da perspectiva de gênero verificando, deste modo, se em pleno século XXI ainda persiste a ideia de que o esporte (de maneira geral) é uma prática inerente ao público masculino.

A problemática concentra-se, portanto, em verificar se há mulheres protagonistas das matérias, se elas são ouvidas e são vistas como capazes de falar e narrar os esportes tendo como foco a realização do mais importante evento esportivo do mundo – os jogos olímpicos. As questões centrais desta pesquisa foram: Qual o espaço destinado às mulheres na cobertura esportiva dos jogos olímpicos realizada pelos jornais *Lance!* e *Folha de S. Paulo*? Quantas mulheres atuam como jornalistas nessa editoria nos referidos jornais durante o período analisado? Qual o status atribuído às mulheres quando são fontes dessas notícias?

Para responder a esses questionamentos, estabelecemos como objetivo geral desta pesquisa analisar o espaço e o destaque dados à mulher no conteúdo do jornalismo esportivo durante a cobertura dos jogos olímpicos de Londres realizada pelos jornais *Lance!* e *Folha de S. Paulo*. Além disso, mapear a presença de mulheres como produtoras e fontes de notícias no período que destaca a Olimpíada de Londres.

Gênero e mídia

As questões relacionadas ao gênero e aos chamados “papéis sexuais” constituem-se como uma preocupação quase que exclusiva das cientistas mulheres, convertendo-se numa luta política (LAVINAS, 1997). Historicamente, a mulher ocupou um papel inferior na organização da sociedade e durante quase toda a história da humanidade foi preparada exclusivamente para gerar e criar os filhos e cuidar dos afazeres domésticos. Somente nos últimos dois séculos, sobretudo no século XX, as mulheres começaram a conquistar outros espaços até então exclusivos do sexo masculino, como o direito ao voto e o acesso ao mercado de trabalho.

O fator sexo (masculino/feminino) foi utilizado, e em muitas culturas e ou situações ainda é, como diferenciador dos papéis a serem desempenhados por homens e mulheres. Segundo Lavinas (1997, p. 16) “o sexo social – portanto o gênero – é uma das relações estruturantes que situa o indivíduo no mundo e determina ao longo de sua vida, oportunidades, escolhas, trajetórias, vivências, lugares, interesses.”

Na categorização binária, são atribuídos papéis exclusivos ao homem e a mulher, bem como os valores e os anti-valores de cada um: “a criatividade, a atividade e a violência tributados ao masculino; e a passividade, a receptividade e a não-violência ao feminino”. Desta forma, perpetuam-se os valores de dominação e reforçam-se os estereótipos em torno do homem e da mulher. Esses modelos são reforçados e construídos desde a infância. “Enquanto meninas correspondem ao senso comum dos atributos tipicamente femininos de ‘passividade e obediência’, meninos seriam portadores de perfis considerados tipicamente masculinos, ‘agressivos e auto-afir-

matórios” (LAVINAS, 1997, p. 25).

Embora a premissa frankfurtiana de que os meios são capazes de moldar os sujeitos, aliená-los e de que estes sejam passivos aos seus conteúdos tenha sido revista, contestada e em larga medida superada desde os anos 50, não podemos negar que em uma sociedade cada vez mais midiaticizada esses conteúdos são relevantes e importantes nas definições das identidades, inclusive de gênero. Os meios de comunicação constituem assim uma das mais importantes instituições socializadoras porque difundem discursos e representações e isso não pode ser ignorado, sobretudo se levarmos em conta o que diz Scott (1998) ao afirmar que:

Quando falo de gênero, quero referir-me ao discurso da diferença dos sexos. Ele não se refere apenas às idéias, mas também às instituições, às estruturas, às práticas cotidianas, como também aos rituais e a tudo que constitui as relações sociais. O discurso é um instrumento de ordenação do mundo, e mesmo não sendo anterior à organização social, ele é inseparável desta. Portanto, *o gênero é a organização social da diferença sexual*. (SCOTT, 1998, p. 115).

Embora como todo campo de estudos haja divergências conceituais, teóricas, epistemológicas, podemos tomar por empréstimo a definição de Susan Okin para estabelecer o que estamos aqui entendendo por gênero. A autora nos explica que: “‘Gênero’ refere-se à institucionalização social das diferenças sexuais; é um conceito usado por aqueles que entendem não apenas a desigualdade sexual, mas muitas das diferenciações sexuais, como

socialmente construídas” (OKIN, 2008, p. 306). Levando-se em conta então que as relações de gênero não são naturais e sim construídas social e historicamente, o discurso atua decisivamente na construção de nossas representações quanto ao mundo e quanto às atribuições dos papéis de homens e mulheres.

Nesse contexto, o discurso da mídia ocupa papel privilegiado na narrativa e na construção das representações acerca do feminino e do masculino na sociedade. Conforme Funck e Widholzer (2005), as “convenções discursivas [...] tendem a traduzir e perpetuar relações sociais naturalizadas pelo senso comum”. Como a história diária é narrada pelos meios de comunicação de massa, sua construção discursiva pode contribuir para a desmistificação de tabus, mitos e estereótipos ou, ao contrário, contribuir para reforçá-los e legitimá-los. Neste sentido, é fundamental verificar como as identidades feminina/masculina são construídas pelos *media*.

Procedimentos metodológicos

Esta é uma pesquisa exploratória do tipo documental que utiliza uma abordagem quali-quantitativa. Tem como objeto o conteúdo esportivo dedicado à cobertura dos jogos olímpicos de Londres realizada pelos jornais *Lance!* e *Folha de S. Paulo* durante todo o intervalo de realização dos jogos. Os jogos olímpicos de 2012 foram realizados no período de 27/07 a 12/08, entretanto, de modo a acompanhar os preparativos e as repercussões do evento, o intervalo estabelecido para coleta e análise compreendeu 15 dias antes do início e 15 dias após o término do evento. Portanto, o corpus de análise contempla todas as edições dos jornais no período de 12/07 a 27/08/2012, totalizando 47 edições de cada um dos jor-

nais num total de 94 jornais analisados.

O método utilizado para a coleta e análise dos dados foi a análise de conteúdo (AC), conforme proposto por Bardin (1977). A AC pode ser realizada a partir de dois pontos: dos significados, baseada em temas; ou dos significantes, a observação léxica ou metodológica. A validação desta aplicação técnica deve considerar regras quanto à formulação de categorias, procedimento que integra a primeira fase da pesquisa. Esta prática é chamada de *categorização*, facilitadora da *codificação* dos dados coletados (BARDIN, 1977, p. 113).

Esta parte da aplicação da AC consiste na elaboração de categorias a partir de algumas palavras ou expressões presentes no objeto de estudo, no caso desta pesquisa, a qualificação das fontes a partir da proposição de Lage (2002). Conforme Bardin, na organização das categorias é preciso que se adaptem as seguintes regras: quanto à *homogeneidade*; à *exaustividade* no conjunto do texto; à *exclusividade*; à *objetividade*; adequação ou *pertinência*, na busca dos objetivos da investigação.

Conforme Bardin (1977) a análise de conteúdo passa por três etapas específicas chamadas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Cada uma destas fases é composta de vários procedimentos que possibilitam a passagem de uma etapa para a posterior. O primeiro passo é a *leitura flutuante*. A partir dela há o contato com o documento a ser analisado, etapa a ser realizada já na primeira semana da coleta dos jornais. Para organizar os indicadores, a delimitação do texto, a *categorização* e *codificação* são passos essenciais em vista da aplicação e da obtenção final dos resultados. Para a autora, a exploração do material consiste na realização da análise em si. Neste mo-

mento, as unidades ordenadas pela *categorização* e *codificação* são aplicadas na intenção de obter os dados para posterior interpretação. Na terceira e última fase os dados apurados são submetidos a operações estatísticas, a *inferências* e interpretações, a fim de responder aos objetivos da investigação.

Nesta pesquisa, a primeira etapa foi a de quantificação das fontes femininas em relação às fontes masculinas na cobertura da olimpíada feita pelos jornais, adotando o pressuposto de frequência/ausência de Bardin. Após, foi realizada a categorização das fontes femininas, ou seja, a atribuição do status dado às mulheres a partir da classificação de fontes de Lage (2002), que as separa em: oficiais, oficiosas, independentes, primárias, secundárias, testemunhas e experts. Para este processo foi adotada também a classificação da visibilidade feminina conforme critérios do Monitoramento Global de Mídia (WACC, 2012). Para identificar a presença/ausência de mulheres como produtoras das notícias esportivas, foi analisada a assinatura da notícia. Estes dados também foram tratados no sistema frequência/ausência.

Foram analisadas, primeiramente, as capas dos jornais para verificar quais temas olímpicos ganharam destaque e, deste modo, já identificar a presença de mulheres. A análise se concentrou, entretanto, nas notícias publicadas na editoria de Esportes (caso da *Folha de S. Paulo*) e cadernos especiais sobre a olimpíada (ambos os jornais). No caso do jornal *O Lance!*, como se trata de um diário esportivo, foi analisado todo o jornal, focando exclusivamente nas notícias, excluindo, portanto, o conteúdo opinativo do jornal uma vez que o interesse era nas fontes de informação utilizadas.

Análise e discussão dos resultados

As discussões sobre gênero ganharam força a partir das décadas de 1960 e 1970, com a organização do movimento de mulheres. Com o alargamento da crítica feminista, a discussão acerca da equidade de gênero passou a constituir-se como o ponto central na luta das mulheres.

Ao longo de toda a história do movimento feminista e da luta pelos direitos das mulheres, o espaço discursivo sempre desempenhou papel central. Levando-se em conta que as relações de gênero não são naturais e sim construídas social e historicamente, o discurso atua decisivamente na construção de nossas representações quanto ao mundo e quanto às atribuições dos papéis de homens e mulheres no contexto social. Como afirmam Funck e Widholzer (2005), “os estudos contemporâneos de gênero e da cultura em geral têm, portanto, suas bases solidamente firmadas na materialidade do discurso.”

Nesse contexto, o discurso da mídia ocupa papel privilegiado na narrativa e na construção das representações acerca do feminino e do masculino na sociedade. Como a história diária é narrada pelos meios de comunicação de massa, sua construção discursiva pode contribuir para a desmistificação de tabus, mitos e estereótipos ou, ao contrário, contribuir para reforça-los e legitimá-los. Como já afirmamos anteriormente, é imprescindível verificar a visibilidade/invisibilidade da mulher nesse tipo de cobertura.

A escolha pelo jornalismo esportivo não é por acaso. Historicamente, esta área do jornalismo tem deixado a mulher à margem de suas narrativas. Coelho (2004) destaca que até a década de 1970 era quase impossível encontrar mulheres no jornalismo esportivo. Embora muito já se tenha

conquistado, o autor aponta que hoje apenas 10% dos jornalistas esportivos são mulheres. A ausência não é apenas da mulher que narra, mas também da mulher que é notícia. Poucas têm sido as situações em que a mulher atua como protagonista nas matérias esportivas. Esta característica não é uma exclusividade do jornalismo esportivo. Pesquisa realizada pelo Monitoramento Global de Mídia² aponta que as mulheres são escolhidas como fontes em no máximo 25% das notícias, sendo em geral fontes secundárias, dificilmente escolhidas como fontes oficiais ou especialistas³.

Para a realização do estudo “[...] foram monitorados 1.281 meios entre jornais diários, canais de televisão e emissoras de rádio em 108 países no dia 10 de novembro de 2009. A pesquisa engloba 16.734 notícias; 20.769 pessoas que trabalham nesses meios (locutores, apresentadores e repórteres) e 35.543 sujeitos das notícias, que são as pessoas entrevistadas e/ou aquelas sobre quem falam as notícias” (WACC, 2012). O relatório aponta que a presença das mulheres nas notícias chegou a 24%, contra 17% da primeira pesquisa em 1995, o que demonstra que apesar do aumento, este foi lento e ainda persiste um mundo majoritariamente masculino nos noticiários, o que reforça as diferenciações a partir do gênero.

No caso específico do jornalismo esportivo, a pesquisa intitulada *International Sports Press Survey* aponta para um cenário praticamente idêntico. Realizada por Jörg-Uwe Nieland, da *German Sport University*, e Thomas Horkey, da *Macromedia University for Media and Communication*, em parceria com o *Danish Ins-*

*titute for Sport Studies (Idan)*⁴, o estudo constata que:

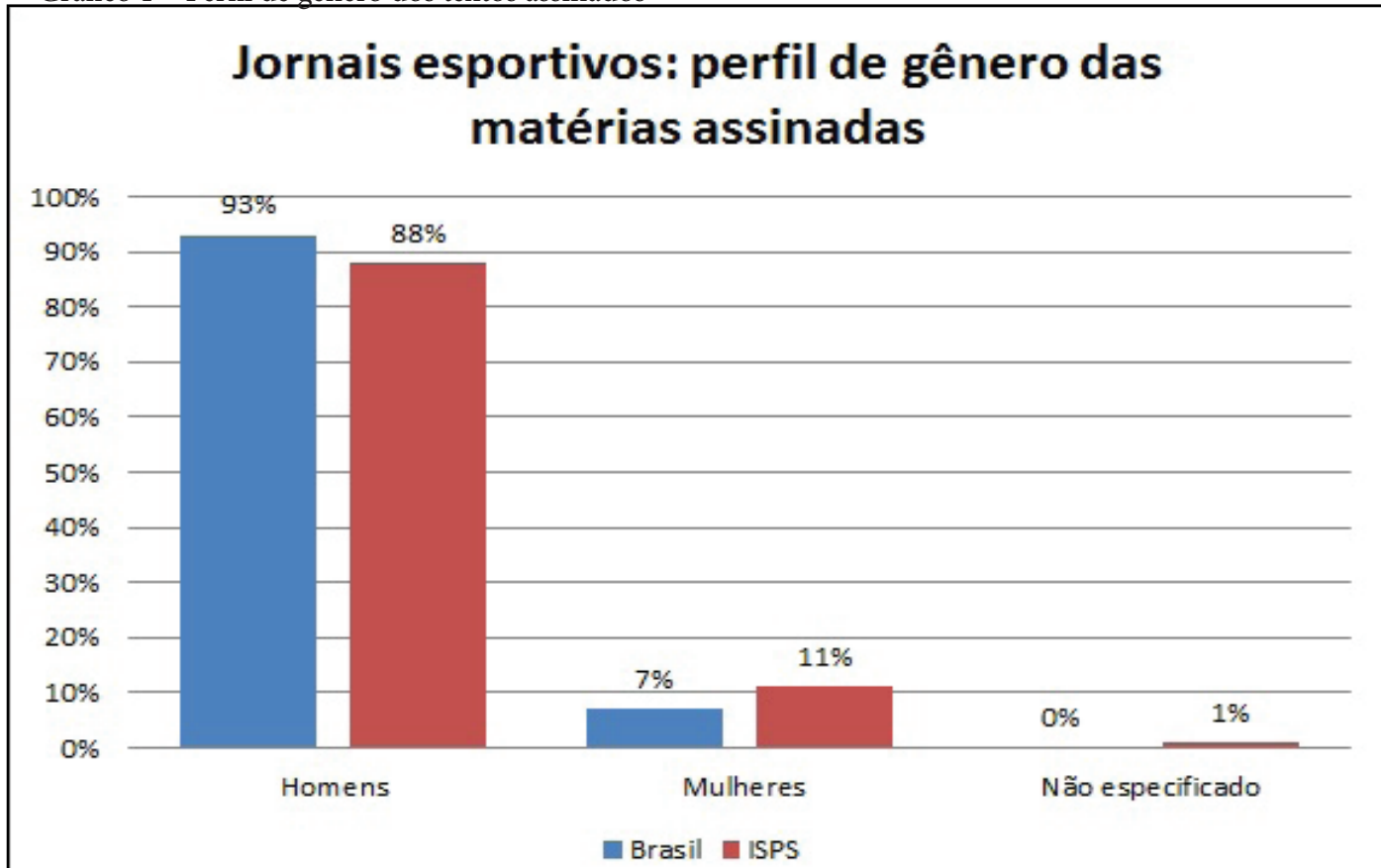
Ao redor do mundo, o jornalismo esportivo tem o costume de simplesmente ignorar temas como política esportiva, financiamento do esporte, esporte amador e, no caso do Brasil, até os preparativos para os megaventos que o país vai sediar nos próximos anos. Também não costuma consultar mais de uma fonte para seus artigos e mantém uma hegemonia masculina, tanto nos autores quanto no foco das matérias. (BARROS, 2012)

Nessa pesquisa, a análise compreende um corpus de 18.340 notícias publicadas em 81 jornais, provenientes de 23 países e publicadas no período de abril a julho de 2011. Os países analisados foram: Austrália, Brasil, Canadá, Dinamarca, Inglaterra, França, Alemanha, Grécia, África do Sul, Índia, Malásia, Nepal, Nova Zelândia, Polônia, Portugal, Romênia, Escócia, Cingapura, República Eslovaca, Eslovênia, Suíça Francesa, Suíça Alemã e Estados Unidos. Conforme Barros (2012), “O futebol foi a modalidade mais noticiada pelos jornais, com 40,5% das publicações do período. O tênis, segundo esporte mais abordado pelos jornais em todo o mundo, ficou com o índice de apenas 7,6%.”

Especificamente sobre a questão de gênero, os dados não são animadores, ao contrário, reforçam os resultados do Monitoramento Global de Meios e vão ao encontro da pesquisa aqui relatada, conforme se verá a seguir.

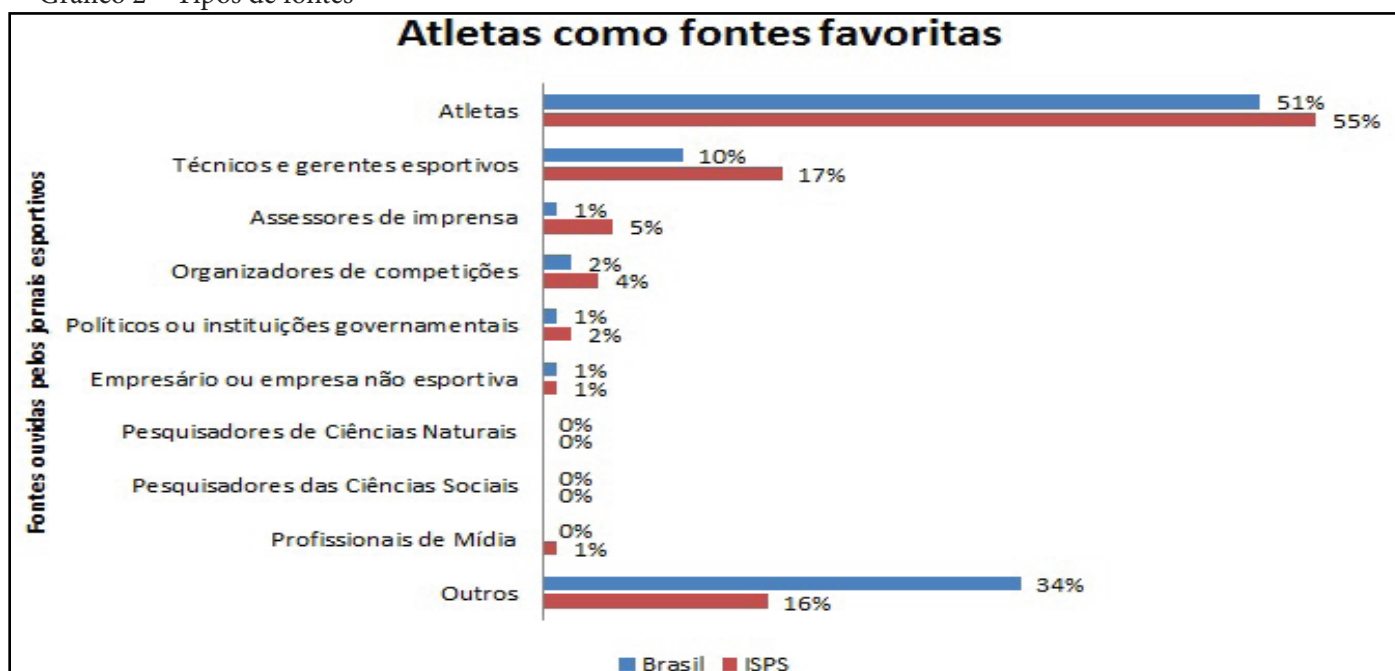
A pesquisa indica que a cobertura esportiva é realizada, majoritariamente, por homens, uma vez que apenas 11% dos textos analisados foram escritos por mulheres. O mesmo vale para as fontes, cerca de 85% das matérias focaram em um atleta homem. O gráfico a seguir evidencia a problemática encontrada.

Gráfico 1 – Perfil de gênero dos textos assinados



Fonte: Barros, 2012

Gráfico 2 – Tipos de fontes



Fonte: Barros, 2012

O autor ainda destaca a seguinte problemática, relacionada à própria prática jornalística, ao compromisso com a diversidade de vozes.

Segundo a pesquisa, os jornalistas esportivos também não costumam escutar muitas fontes. Em mais de 40% dos arti-

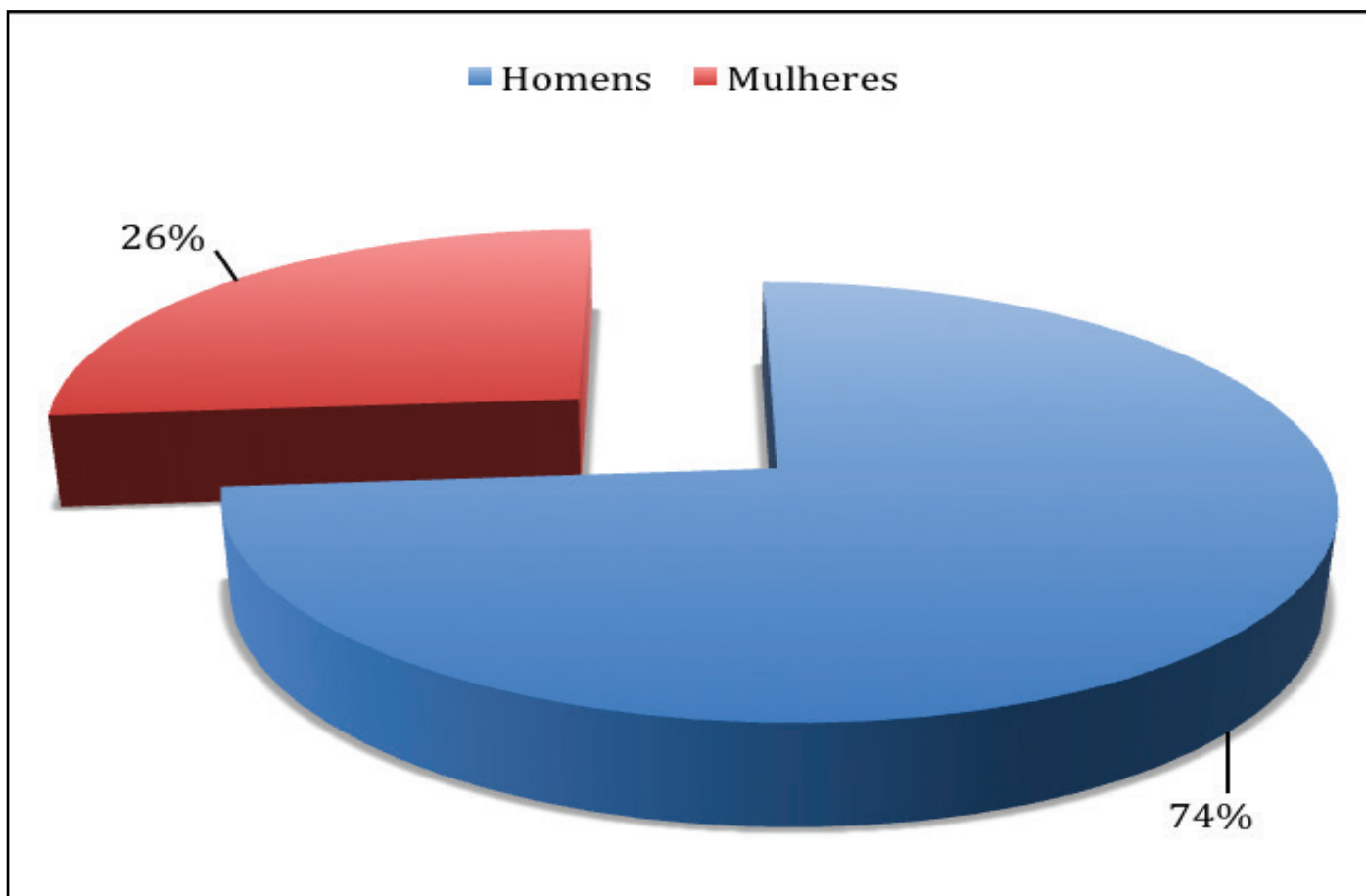
gos analisados, apenas uma fonte foi ouvida e uma em cada quatro matérias não usou fonte alguma. Técnicos e atletas representam quase a metade das fontes ouvidas. Pessoas ligadas ao governo e pesquisadores acadêmicos tiveram índices quase inexpressivos. (BARROS, 2012)

Se o discurso é, como afirma Foucault (1999) um espaço fundamental de exercício do poder, essa invisibilidade aponta para a efetiva existência do reforço de estereótipos ligados ao gênero no jornalismo esportivo. Os dados aqui analisados apontam para um panorama não muito distinto, como indicam os dados discutidos a seguir.

O corpus final de análise compreendeu 526 notícias analisadas, publicadas no período de 12/07 a 27/08/2012 conforme já explicitado nos procedimentos. Desse total, 232 notícias foram publicadas pelo diário esportivo *Lance!* e 294 pela *Folha de S. Paulo*. Vale destacar que no período de 25 de julho a 13 de agosto, o jornal *Lance!* utilizou capas especiais. Já o jornal *Folha de S. Paulo* teve o caderno de esportes especial de 22 de julho à 13 de agosto.

No que se refere às fontes ouvidas para a produção dessas matérias, esta pesquisa confirma o resultado do estudo internacional sobre Jornalismo Esportivo. O jornal *Lance!*, principalmente, ouve poucas fontes, uma vez que em 232 notícias analisadas encontramos um total de 345 fontes, ou seja, média de 1,48 fonte por notícia, contrariando entre outros preceitos, a premissa jornalística básica da diversidade de vozes na cobertura dos acontecimentos. O *Lance!* também reafirma o panorama internacional, tanto da pesquisa sobre jornalismo esportivo quanto do monitoramento realizado pela WACC, no que se refere ao objeto específico dessa pesquisa – a equidade de gênero na cobertura esportiva. As fontes do diário esportivo são, predominantemente, homens, como pode-se observar no gráfico a seguir:

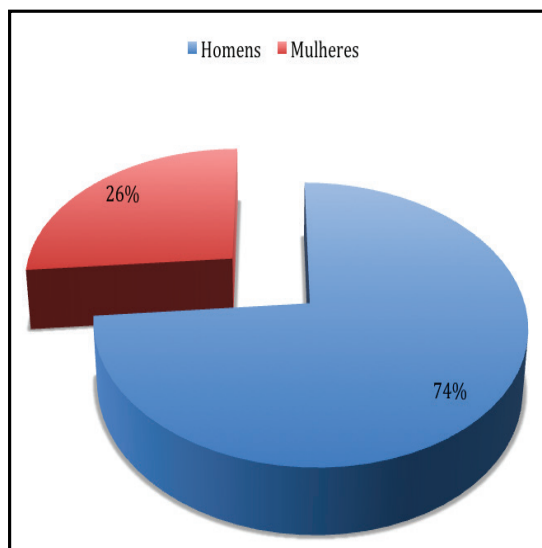
Gráfico 3 – Distribuição das fontes por sexo jornal Lan-



Fonte: dados da pesquisa

O panorama encontrado no jornal *Folha de S. Paulo* não é muito diferente, embora seja positivo o fato de em 294 notícias terem sido ouvidas 628 fontes, o que gera uma média de 2,15 fontes por notícia. Embora ainda não seja o ideal, ao menos em grande parte das notícias ouviu-se duas visões sobre o acontecimento narrado. Já no que se refere à questão de gênero, o resultado não difere do jornal o *Lance!*, com exatamente os mesmos índices, ou seja, embora sejam ouvidas mais fontes, continua-se a privilegiar o olhar do homem, como evidencia o gráfico abaixo:

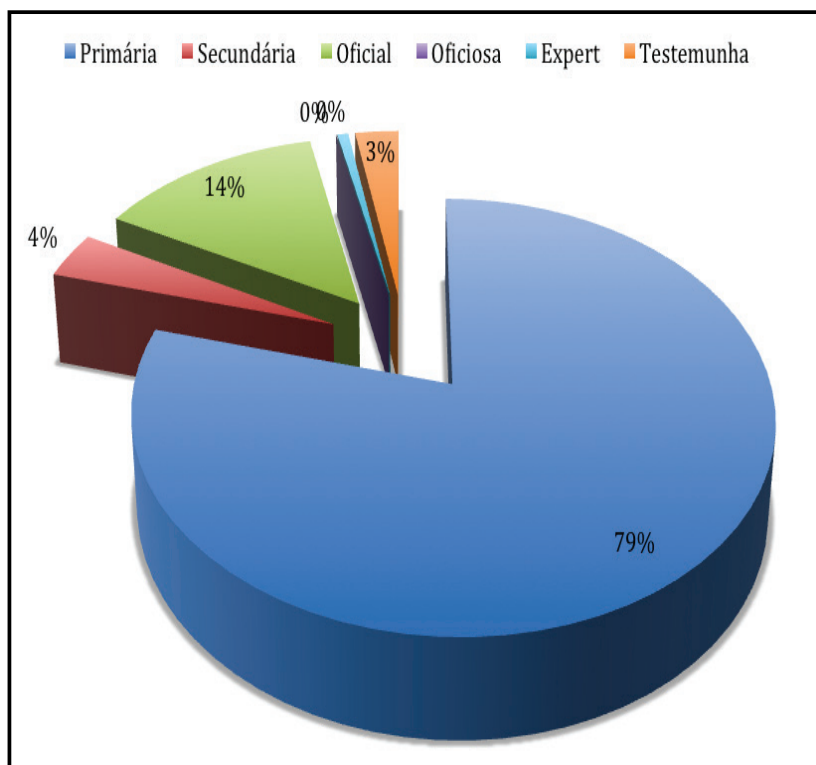
Gráfico 4 – Distribuição das fontes por sexo jornal Folha de S.Paulo



Fonte: dados da pesquisa

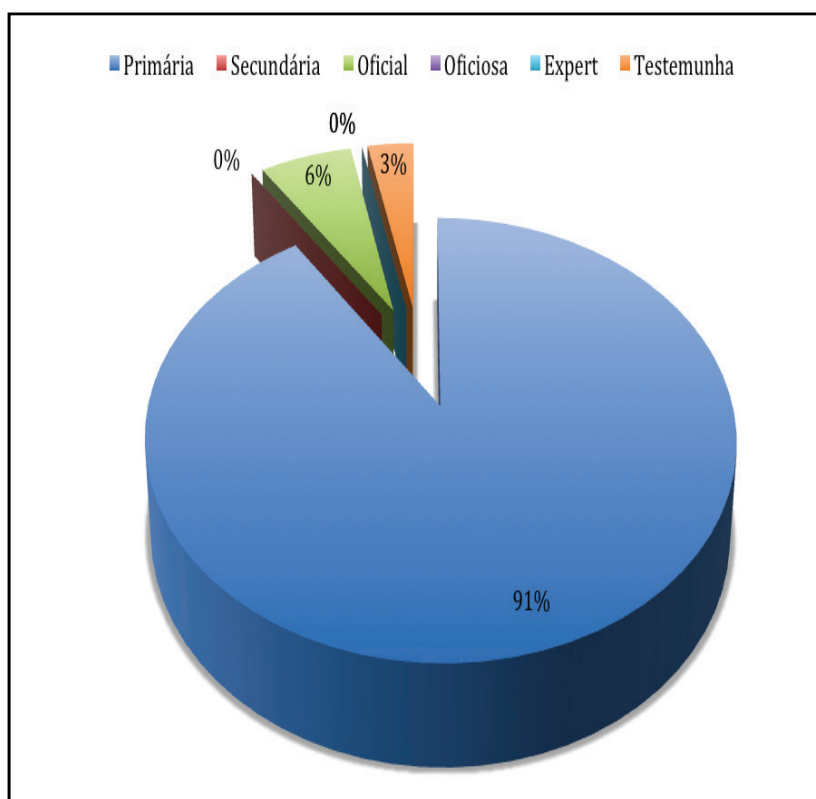
Além da quantidade de fontes presentes nas notícias, outra forma de avaliar seu status é a partir da qualificação das fontes, ou seja, quem afinal de contas foi ouvido. Na cobertura realizada pelo jornal *Lance!*, predominaram as fontes primárias, tanto entre os homens quanto entre as mulheres ouvidas, como apontam os gráficos a seguir:

Gráfico 5 – Tipos de fontes masculinas jornal Lance!



Fonte: dados da pesquisa

Gráfico 6 – Tipos de fontes femininas jornal Lance!

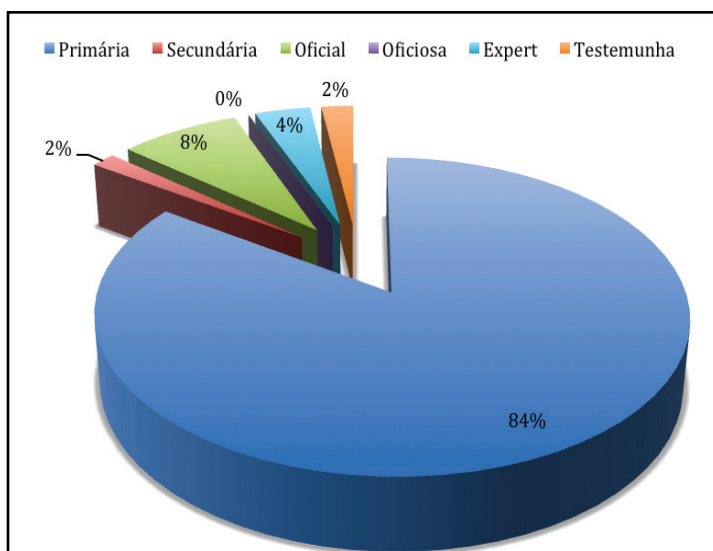


Fonte: dados da pesquisa

Fontes primárias, de acordo com Lage (2002), são aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria – fornecem fatos, versões e números. São, em geral, as primeiras a serem ouvidas, aquelas que desencadeiam o fato, acontecimento, norteiam a cobertura. No caso da cobertura olímpica aqui analisada, atletas, técnicos e personagens diretamente envolvidos no que foi narrado. Portanto, era esperado que o predomínio fossem as fontes primárias, o que chama a atenção, entretanto, é o baixo número de outras fontes ouvidas, notadamente as experts ou especialistas, que como explica Lage (2002) são geralmente fontes secundárias⁵, que se procuram em busca de versões ou interpretações de eventos e mesmo de outras fontes secundárias que pudessem contribuir na contextualização dos acontecimentos narrados. No que se refere ao marcador de gênero, os gráficos apontam também que entre as fontes masculinas houve um pouco mais de incidência das outras fontes ao contrário das mulheres que eram majoritariamente fontes primárias.

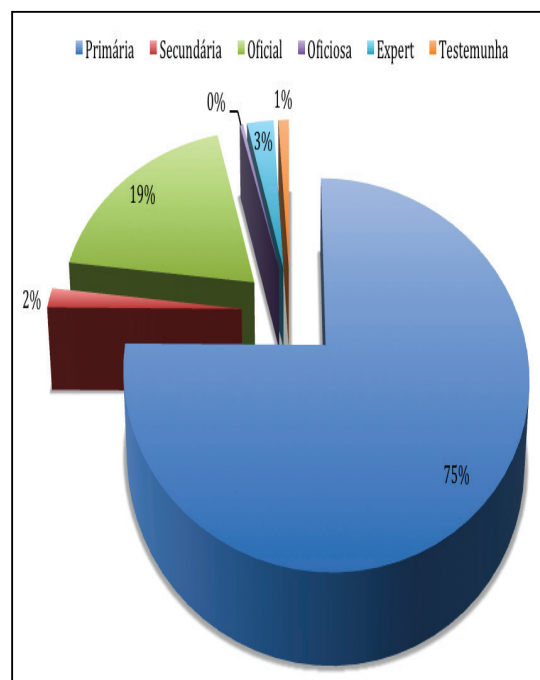
Os resultados encontrados no jornal *Folha de S. Paulo* foram bastante similares. Predomínio de fontes primárias entre ambos os sexos, embora entre as fontes femininas uma incidência um pouco menor do que no jornal *Lance!* Os gráficos a seguir evidenciam esse aspecto:

Gráfico 7 – Tipos de fontes masculinas jornal Folha de S.Paulo



Fonte: dados da pesquisa

Gráfico 8 – Tipos de fontes femininas jornal Folha de S.Paulo



Fonte: dados da pesquisa

Destaque também para as fontes oficiais, que segundo Lage (2002) são aquelas mantidas pelo Estado, por instituições que preservam algum poder de Estado, sendo esta característica bastante comum no jornal.

Considerações finais

A análise da cobertura dos jogos olímpicos de Londres realizada pelos jornais *Folha de S. Paulo* e *Lance!* evidenciam um panorama que vem sendo problematizado nos estudos sobre discurso e linguagem a partir da perspectiva de gênero, qual seja, a invisibilidade das mulheres como protagonistas do discurso, nesse caso, jornalístico. Os resultados de ambos os jornais, com mais de 70% das fontes do sexo masculino evidencia que mesmo em um evento esportivo em que a presença das mulheres está consolidada e cujos esportes nacionais estão praticamente em condições de igualdade na representatividade dos sexos nos jogos mostra que a prática jornalística esportiva do país ainda está presa aos es-

5- De acordo com Lage (2002) fontes secundárias são consultadas para a preparação de uma pauta ou a construção das premissas genéricas ou contextos ambientais.

tereótipos de gênero que vêm sendo contestados pelos movimentos de mulheres em todo o mundo de forma mais enfática desde os anos de 1960.

Muitas conquistas já foram realizadas no campo das relações de gênero, porém, se a prática discursiva, sobretudo a jornalística com seu estatuto de verdade, continuam a reforçar a atribuição de papéis diferenciados, e neste caso negativo, de homens e mulheres, entendemos que luta pela equidade de gênero torna-se mais lenta e mais complexa haja vista que o discurso pode até não ser sinônimo de comportamento, mas tem grande peso e participação nas construções sociais e culturais dos lugares onde vivemos. Não pretendemos com isso afirmar que os jornalistas responsáveis pela cobertura e/ou que os jornais analisados tenham como posição ideológica uma perspectiva sexista ou que intencionalmente tenham delegado papel menor às mulheres na cobertura da última olimpíada. Ao contrário, acreditamos que isso se deva às próprias rotinas jornalísticas que em geral são assimiladas e pouco questionadas no dia a dia, uma espécie de status quo do jornalismo cotidiano. Porém ressaltamos que dentro da prática jornalística

é importante que sempre ocorra a reflexão sobre os possíveis alcances da mensagem, sobre a importância do discurso jornalístico sobre a vida cotidiana e, neste sentido, que ao quebrar com “essas rotinas” pode-se contribuir para a contestação de uma ordem social e cultural vigente tomada como normal e/ou natural. A principal reivindicação dos estudos sobre as relações de gênero é justamente essa: que se compreenda que o gênero não nasce conosco, é um atributo social, cultural, histórico em que o discurso sobre esses atributos têm papel central em seu reforço ou em sua contestação.

Ao evidenciar os números desta pesquisa o que pretendemos é, justamente, contribuir para o direcionamento de reflexões acerca da importância do discurso jornalístico neste cenário. Entendemos que outras pesquisas da mesma natureza são importantes e necessárias para melhor vislumbrarmos este cenário. Por isso, consideramos importante analisar a presença/ausência da mulher como fonte em outras editorias, em veículos nacionais e também regionais de modo a ampliarmos esta reflexão.

Referências bibliográficas

- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: 70 Ltda., 1977.
- BARROS, Ciro. Jornalismo Esportivo: nem mulheres, nem fontes. Jornal Correio do Brasil. Disponível em <http://correiodobrasil.com.br/?p=542698#.UMDjcuRIVBE>
- COELHO, Paulo Vinicius. Jornalismo Esportivo. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.
- FUNCK, Susana Bornéo; WIDHOLZER, Nara. Gênero em discursos na mídia. Santa Cruz: Edunisc, 2005.
- LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- LAVINAS, Lena. Gênero, Cidadania e Adolescência. In: MADEIRA, Felícia Reicher

(org.). Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

OKIN, Susan Moller. “Gênero, o público e o privado”. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, 2008, vol.16 (2), p.305-332.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria de análise histórica”. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, UFRGS, 1995, vol.20 (2).

SCHIENBINGER, Londa. O feminismo mudou a ciência? Trad. Raul Fiker. Bauru: EDUSC, 2001. 384 p. (Coleção Mulher).

WACC - *The World Association for Christian Communication*. *The Global Media Monitoring Project Report 2010*. Disponível em: <http://www.whomakesthenews.org/>, acesso em 21/02/2012.

Estudos em Jornalismo e Mídia está sob a Licença Creative Commons 2.5